

Vivíamos em um mundo dominado pelos Estados Unidos, mas que, de certo modo, estava organizado por tratados internacionais. Isso, no entanto, está caindo por terra.

Os países mais poderosos estão fazendo valer seu potencial e, cada vez mais, criam suas próprias regras. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, por exemplo, já disse certa vez que "rechaça a ideia da globalização".

Controlar territórios é um conceito importante para esses Estados, porque isso lhes proporciona poder econômico e apoio militar.

Trata-se de um jogo geopolítico que já era previsto por um geógrafo britânico que nasceu no século 19, chamado Halford John Mackinder.

Ele desenhou, em 1904, uma teoria que marcou profundamente a geopolítica durante décadas no século passado e que, agora, parece estar de volta.

Naquela época, os oceanos eram dominados pela Marinha britânica, que era crucial

para que uma ilha como a Grã-Bretanha mantivesse seu grande império.

No entanto, Mackinder pensou que essa situação se encontrava ameaçada. E foi aí que ele começou a se aprofundar sobre o que chamou de o "Heartland" (o coração da terra) da Eurásia.

Essa zona, segundo ele, englobava as áreas agrícolas da parte europeia da Rússia, se estendia por vastos territórios até a Ásia central e chegava até os bosques e as planícies da Sibéria, um território rico em recursos inexplorados como o carbono, a madeira e outros minerais.

Mackinder pensou que uma área tão extensa e rica, que ao mesmo tempo podia ser percorrida por um sistema ferroviário, era uma zona chave para os países com ânsia de poder.

Advertência



Quinze anos depois, após a Primeira Guerra Mundial, os líderes se reuniram em uma conferência de paz em Versalhes para redesenhar as fronteiras do mundo, expandir a democracia e acabar com a guerra para sempre.

Mas Mackinder pensou que, para que pudessem levar isso adiante, teriam de

enfrentar a realidade geográfica e tomar certas precauções. Do contrário, temia, deixariam a porta aberta para a Rússia ou a Alemanha dominarem o Heartland e transformá-lo em uma base militar gigante.

A Primeira Guerra Mundial trouxe como consequência uma reorganização de fronteiras

que hoje segue influenciando a geopolítica atual.

Dali, o poder do Heartland podia construir uma frota indestrutível, derrotar a poderosa Marinha britânica e finalmente dominar a Eurásia e a África — e converter-se na "Ilha do Mundo".

Isso significava que Europa e Rússia deviam manter-se divididas. Mackinder escreveu

essa teoria em um livro que chamou de *Ideais Democráticos e a Realidade*.

"Quem domina o leste da Europa, domina Heartland. Quem domina o Heartland, reina na 'Ilha do Mundo'. Quem domina a 'Ilha do Mundo' governa o mundo inteiro", afirma a teoria de Mackinder.

Inspiração nazista

Em Munique (Alemanha), outro geógrafo e veterano da guerra chamado Karl Haushofer estudava os trabalhos de Mackinder.

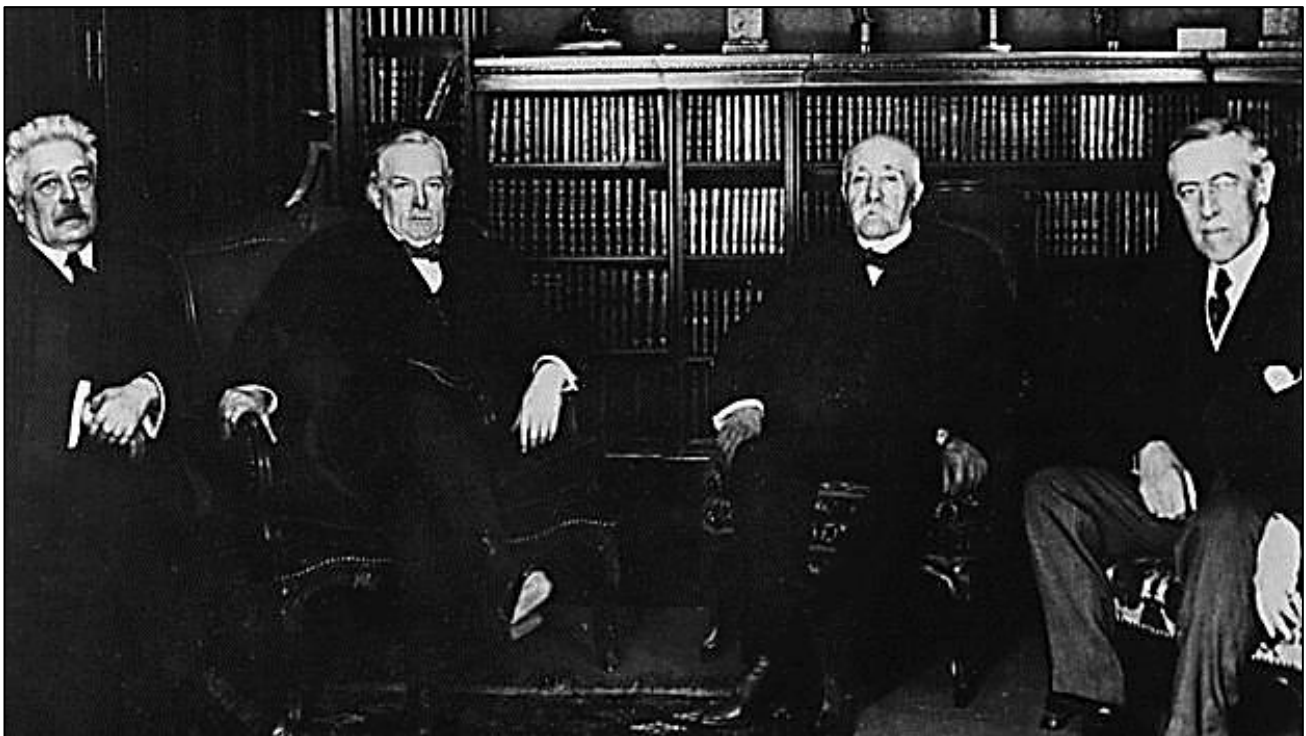
Haushofer temia e odiava o vitorioso Império Britânico, o qual via como um estrangulador mundial. Foi assim que ele transformou a teoria de Heartland em uma estratégia. Pensou que seu país, humilhado depois da grande guerra, podia formar uma grande aliança com a Rússia e Japão e assim cortar os tentáculos do poder naval britânico.

Essa teoria intrigou a um dos estudantes de Haushofer, Rudolf Hess, que era membro do novo partido nacional-socialista.

Em 1923, os nacional-socialistas tentaram tomar o poder, mas Hess terminou preso. Foi visitado por Haushofer, que ofereceu aulas tanto a ele quanto a seu companheiro de prisão, Adolf Hitler.

Dez anos depois, os nazistas conseguiram chegar ao poder. E, em 1939, o ministro de Relações Exteriores nazista e seu par soviético surpreenderam o mundo firmando um pacto de não agressão.

Haushofer celebrou a notícia. Pensava que se tratava do nascimento do grande poder territorial entre Rússia e Alemanha com o qual havia sonhado.



Mackinder queria alertar os líderes do mundo de que deveriam ter cuidado com a redistribuição das fronteiras após a Primeira Guerra Mundial. Da esquerda

para a direita: Vittorio Orlando (Itália), Lloyd George (Grã Bretanha), Georges Clemenceau (França) e Woodrow Wilson (EUA).

Imediatamente após as notícias sobre o pacto, a revista britânica *New Statesman* publicou um artigo para demonstrar como os nazistas haviam realizado seus planos geopolíticos por meio das ideias de Haushofer, por sua vez inspiradas por Mackinder.

Verdadeira ou não, a ideia de que Mackinder havia inspirado o pacto se estendeu pelos Estados Unidos. A revista *Life* publicou uma grande reportagem mapeando as ideias de Mackinder e explicando como seus conceitos estavam sendo usados por nazistas e como os americanos deviam estudá-lo.

Hollywood também se interessou por essa teoria, representando em um filme as reuniões entre Haushofer e Hess. O filme mostrava Haushofer como um gênio malvado a cargo de um grande Instituto de Geopolítica que supostamente estava por trás dos "planos de destruição" nazistas.

Nos Estados Unidos, "geopolítica" transformou-se em outra palavra para qualificar o fanatismo germânico.

A propaganda da indústria cinematográfica americana contou ao público que a teoria de Mackinder era a base da estratégia de Hitler.

A ideia de que sua teoria inspirou os nazistas perturbou Mackinder. Em 1943, a revista americana *Foreign Affairs* entrou em

contato com ele para perguntar sua opinião geopolítica sobre os rumos da Segunda Guerra Mundial.

Durante a entrevista, Mackinder advertiu que "se a União Soviética saísse da disputa como conquistadora da Alemanha, se tornaria a grande potência terrestre do mundo".

Em 1945, a Alemanha afundou. O regime nazista se rendeu de forma incondicional e o país foi dividido em duas zonas pelos Aliados.

O modelo de Mackinder passou a presagiar o enfrentamento Leste-Oeste da Guerra Fria. Ocidente e a União Soviética viraram inimigos outra vez.

Depois que as forças pró-soviéticas absorveram Polônia, Hungria, Romênia e outros países, o poder que dominava o leste da Europa e Heartland passou a ser a União Soviética, não a Alemanha.

Nas universidades Ivy League (grupo formado por oito das universidades mais prestigiadas dos EUA), os acadêmicos já haviam estimulado o estudo de trabalhos de Mackinder para confrontar o risco de que um país dominasse a "Ilha do Mundo".

Agora que os soviéticos estavam em expansão, as ideias de Mackinder chegaram ao diplomático americano George Kennan.

Ameaça soviética

Kennan propôs que, para evitar que a União Soviética dominasse a grande massa de terra euroasiática, era preciso contê-la de algum modo.

Mackinder morreu em 6 de março de 1947, mas suas ideias seguiram muito vivas.

Seis dias depois, o presidente Harry Truman disse ao Congresso dos Estados Unidos que eles deveriam conter a União Soviética e ajudar aos países ameaçados pela expansão comunista.

Dessa forma, o Ocidente capitalista e o Leste soviético se envolveram em uma Guerra Fria durante décadas.

Novo enfoque

Os Estados Unidos estabeleceram uma série de bases ao redor dos blocos dominados por soviéticos, da Alemanha a Itália, Turquia, Coreia do Sul e Japão.

Os críticos viam a contenção norte-americana como parte de uma agressiva e imperialista política exterior. Outros, por outro lado, argumentavam que protegia a democracia.

Em 1991, os passos em direção à queda da URSS haviam desencadeado demandas de independência em várias repúblicas soviéticas. Nada poderia parar a desintegração do bloco socialista oriental.



Terminada a Guerra Fria, a teoria de Mackinder tomou outra matiz. Depois do abandono do comunismo, a economia russa estava presa entre sistemas soviéticos antigos e quebrados e a súbita introdução do capitalismo ocidental.

O contraste foi agressivo. E para muitos russos, representou o caos e humilhação. Então, novos pensadores políticos começaram a surgir.

Um foi o ex-dissidente de direita Aleksandr Dugin, que se envolveu profundamente com as ideias de Mackinder para apresentar a Rússia como um país aprisionado em meio às ânsias de poder do Ocidente. Em 1997, Dugin expressou suas ideias em um livro chamado *Fundamentos da Geopolítica*, que se tornou um best-seller.

"Em geopolítica, há dois polos absolutos de poder. O poder naval, que pertence ao Ocidente, e o poder terrestre, que é a Rússia. Há uma briga para controlar Heartland. Como dizia Mackinder, quem controla o leste da Europa, controla Heartland. E quem controla Heartland, domina o mundo", disse, em uma conferência em Xangai.

Após sua libertação do domínio soviético, vários países do leste da Europa fizeram fila para unirem-se à Otan (a aliança militar do

Atlântico Norte) e à União Europeia, com medo de futura agressão russa.

Mas se a Europa Oriental se preocupava com a Rússia, a Rússia se preocupava com a Otan.

Dugin usou a teoria de Mackinder para concluir que a Rússia deveria mover-se para dominar, mais uma vez, as antigas repúblicas soviéticas ou "Eurásia".

Alguns acadêmicos argumentaram que as ideias de Dugin provaram ser úteis para os líderes russos que querem permanecer fortes diante do que consideram um excessivo domínio ocidental.

Em 2011, o presidente Vladimir Putin propôs a formação da União Econômica da Eurásia. E em 2014, na cerimônia realizada em Astana, capital do Cazaquistão, foi assinado um acordo entre este país, a Bielorrússia e a Rússia.

Logo outras ex-repúblicas soviéticas se juntaram, mas a situação pioraria em 2013.

Naquele ano, a Ucrânia estava em negociações para se juntar à União Europeia, mas o então presidente ucraniano, Víktor Yanukovich, retirou-se do pacto sob pressão russa.

Manifestantes pró-europeus ocuparam o centro de Kiev, e Yanukovich enviou a polícia armada, transformando a situação em um conflito sangrento.

Os protestos pró-russos foram realizados no leste da Ucrânia, que acabaram se tornando uma insurgência apoiada pela Rússia.



E no sul da Ucrânia, a Rússia aproveitou a oportunidade para anexar a Crimeia, que, como o leste do país, tem uma alta população étnica russa.

Um novo pretendente

Embora a Rússia controle grande parte do Heartland, isso não significa que controle a "Ilha do Mundo" na sua totalidade.

O território da Eurásia testemunhou o crescimento de uma nova potência, um novo pretendente ao controle da região: a China.

Se Mackinder vivesse hoje, talvez ele estivesse preocupado com as extensas redes fer-

roviárias que o país está construindo em todo o continente.

As relações entre a China e a Rússia são boas, mas, dadas as experiências do passado, nada garante que elas permaneçam no futuro. Mais de um século depois de Mackinder, surge a pergunta: saber se suas teorias são parte do passado ou ainda são válidas no presente.



Bicentenario de la batalla de Tacuarembó

(mantido o idioma original)

El 22 de enero de 1820 en campos próximos al río Tacuarembó – cerca de Paso Ataques, departamento de Rivera - se produjo la última batalla que se libró en territorio oriental durante el período artiguista. Culminaba así la heroica resistencia de la Provincia Oriental

a la segunda invasión del Imperio de Portugal, que había comenzado a mediados de 1816, contando con la páfida connivencia del Directorio de Buenos Aires que gobernaba las Provincias Unidas.

Para finales del año 1819 la situación era desesperante. Una lucha desigual de más de tres años había provocado innumerable cantidad de muertos y prisioneros, entre ellos varios de los principales comandantes artiguistas. Los coroneles Andrés Latorre al norte y Fructuoso Rivera en el frente del río Negro se mantenían como los comandantes con mayor número de fuerzas que mantenían la resistencia, teniendo Artigas el comando general. Santa Fe, Entre Ríos y Corrientes, ésta en menor medida, debían hacer frente a los sucesivos ataques que Buenos Aires lanzaba sobre ellas, con el propósito de impedir que las provincias de la Liga Federal apoyaran la resistencia de los orientales.

La provincia de Misiones, la más fiel al artiguismo, ya casi no existía después de los devastadores ataques realizados por los portugueses en 1817-1818, que habían destruido la mayoría de las antiguas Misiones. Miles de indígenas habían muerto. Su Comandante, Andrés Guacurarí, “Andresito”, hijo adoptivo de Artigas, había sido tomado prisionero y enviado a Río de Janeiro, después de haber fracasado en su segundo intento de recuperar las Misiones Orientales. El misionero Pantaleón Sotelo, segundo jefe de “Andresito”, era ahora el nuevo Gobernador de los pueblos indígenas de las Misiones Occidentales (J. F. Machón *“Misiones después de Andresito”*, 2003).

En el Río de la Plata se disputaba el rumbo que debía seguir la Revolución iniciada en Mayo de 1810. El proyecto artiguista representaba la *“soberanía de los Pueblos”*, es decir la federación, la república, la democracia y la abolición del injusto régimen de castas. Eso suponía una terrible amenaza para los sectores dirigentes, especialmente la oligarquías de Buenos Aires, Montevideo y el Impero de Portugal con capital en Río de Janeiro. Por eso la alianza de ellas para destruir el poder de Artigas y de las masas populares que lo seguían – la *“barbarie”* decían sus enemigos - que amenazaban la tradicional hegemonía de esos centros de poder.

En los últimos meses de 1819 Artigas realizó un último intento de llevar la guerra al territorio dominado por Portugal, haciendo pasar importantes fuerzas de indígenas misioneros, comandados por Sotelo, hacia la margen oriental del río Uruguay, las cuales se ponen bajo las órdenes del Cnel. Latorre que comandaba fuerzas orientales. Este último, fue un valiente jefe artiguista, que mucho después se radicó en Durazno, donde falleció en 1860 (H. Parallada *“Coronel Andrés Latorre. Una reliquia artiguista en el Durazno”*, 1970).

En diciembre Latorre alcanzó un importante triunfo en *“Guyrapuitá”*, pero poco después las fuerzas artiguistas son derrotadas en la *“Quebrada de Belarmino”* y en la infausta jornada de Tacuarembó. Ramón de Cáceres, oficial patriota que estuvo presente en esa jornada del 22 de enero, escribió mucho después:

“Latorre que era el Jefe, después de este contrate (en Belarmino), se retiró hacia las puntas de Tacuarembó y acampamos en la Horqueta. La fuerza Oriental pasó el Arroyo y acampó, la de Misiones quedó del otro lado como la vanguardia. Empezó a llover y el arroyo creció mucho. Antes de seis días de estar en aquel lugar, nos sorprendió a las ocho de la mañana el Conde de Figueira, Gobernador de la Provincia de Río Grande, con cerca de tres mil hombres. Tan fuimos sorprendidos que no había montado más que el Escuadrón de servicio, cuando se tiró el cañonazo de alarma. Se acercaron algunas caballadas y las fuerzas de Misiones las tenían rodeadas a algunas caballadas sin más armas que el freno para tomarlas, cuando entraron las columnas portuguesas a galope por el Campamento y aquellos pobres soldados no tuvieron otro arbitrio que echarse al agua para salvar nadando, nosotros en la margen opuesta veíamos aquél destrozo sin poderlo remediar y su presencia no servía sino para desmoralizarnos....” (R.de Cáceres *“Escritos Históricos”*, 1959).

Las características del combate y la dimensión de la tragedia fueron de tal magnitud que algunos historiadores, con razón, prefieren hablar de la *“hecatombe de Tacuarembó”*.

Efectivamente, al ser tomados por sorpresa allí fallecieron de 500 a 800 indígenas de las antiguas Misiones, incluyendo a su Comandante Pantaleón Sotelo, teniendo los portugueses, según el parte oficial, sólo un muerto y cinco heridos. También perecieron mujeres y niños indígenas, pues las familias acompañaban a sus hombres a la guerra. Más de 400 misioneros fueron tomados prisioneros y trasladados hacia poblaciones del litoral del océano Atlántico, como lo constató Auguste de Saint Hilaire.



Arriba, Cnel. Andrés Latorre, según el artista Federico Reilly.

Latorre, los demás jefes y soldados orientales que no llegaron a entrar en la batalla, por impedírselo el desborde de las aguas, como señala De Cáceres, fueron a incorporarse al General Artigas, quien ante tal tragedia tomó la decisión de cruzar hacia la margen occidental del río Uruguay. No volvería más a su tierra. Este acontecimiento y el posterior armisticio firmado por Fructuoso Rivera y sus fuerzas en Tres Árboles, marcaron el cierre de uno de los períodos más aciagos de nuestro pasado: la heroica resistencia durante más de tres años a la segunda invasión portuguesa. Fue una lucha protagonizada por los más humildes, por los vecindarios rurales de tierra adentro, negros libertos, por los indígenas charrúas-minuanes y, especialmente, por los de las Misiones Jesuíticas que realizaron la mayor ofrenda de sangre y sacrificios aunque no le sea reconocido.

La más heroica resistencia del pueblo oriental en su historia, la de 1816 a 1820, ha estado demasiado olvidada. Se peleó a lo largo de todo el territorio oriental en combates tremendos, pero ninguno de ellos es recordado como Fecha Patria Nacional en nuestro actual calendario de efemérides.

Sin embargo, el olvido de buena parte del país sobre esos hechos no triunfó, felizmente, sobre el amor patriótico que existe en los pobladores que hoy viven cerca de esos antiguos escenarios de lucha. En los últimos años, desde 2016, grupos de vecinos unidos a investigadores locales, a autoridades departamentales y al Ejército, celebraron los sucesivos Bicentenarios, realizando importantes actos y colocando memoriales en Catalán, Paso de Cuello, Pintado Viejo y ahora en Tacuarembó, entre los homenajes que conocemos. Estimamos que la epopeya de heroísmo que tuvo lugar en esos años, la cual fortaleció de forma definitiva un sentido de pertenencia colectiva – éramos *“los Orientales”* – merece que sea recordada anualmente.

Oscar Padrón Favre, Durazno, enero 2020.

O ESPECTRO DA INGOVERNABILIDADE

Maria Lucia Victor Barbosa - 18/08/2019

A Argentina foi sempre um constante desafio para os estudiosos, pois não é fácil interpretar sua acidentada trajetória. O começo foi atribulado desde que Pedro de Mendoza, em 1536, estabeleceu na margem ocidental do rio da Prata o acampamento que denominou Puerto de Nuestra Señora Santa Maria del Buen Aire. O apogeu e glória se deu a partir de 1880, seguindo-se cinquenta anos aproximadamente do que se denominou de "Era do Ouro". Depois o mergulho na decadência, na violência institucionalizada, a intermitência entre prosperidade e declínio.

Essa Argentina que já foi chamada de enigma, com suas marcas coloniais, seu estilo europeizado, seus acordes passionais de um nostálgico tango, também já foi considerada a vanguarda da América Latina por ser o lugar onde as coisas acontecem primeiro. E sendo um genuíno país latino-americano não se pode esquecer a tendência populista que se alternou em seus governos e aquele falso esquerdismo que sempre marcou os povos latinos. Tampouco não se olvide outra característica latino-americana: a ingovernabilidade.

Em um dos meus livros, *América Latina - Em Busca do Paraíso Perdido*, discorri longamente na segunda parte sobre a Argentina. Em um pequeno artigo isso é impossível por vou me referir aqui de modo bem resumido apenas a três governantes que demonstraram traços marcantes da cultura política argentina. São ele: Rosas, Sarmiento e Perón.

Juan Manuel de Rosas foi a essência do caudilhismo e tornou-se governador de Buenos Aires em fins de 1829. Segundo Carlos Rangel, na sua obra *Do Bom Selvagem ao Bom Revolucionário*:

"Rosas foi o mais centralizador de todos os chefes de governo na Argentina, porquanto seu pretensão federalismo como o de todos os dirigentes dos países da América Latina, só revelava, na realidade, a ambição egoísta de ser o senhor do seu feudo e, depois, quando o poder adquirido tivesse ultrapassado os dos outros feudais, obter a submissão ou aniquilá-los".

Domingo Faustino Sarmiento foi um educador, um escritor e um político argentino. Ele governou a Argentina de 1868 a 1874 e esse verdadeiro liberal modernizou o país através de ampla reforma educacional, dos estímulos às liberdades civis, da construção de uma rede ferroviária, da expansão comercial, do incentivo à imigração.

Sua obra, *Facundo: Civilização e Barbárie* (1845) é uma das mais importantes da literatura latino-americana para se entender num sentido histórico, sociológico e político o que era e, portanto, o que vem a ser a terra da prata. Sarmiento foi o representante da civilização e sua grande admiração pelos Estados Unidos o levou a uma série de observações e análises como um Tocqueville à moda latino-americana.

Através do seu governo (1946-1955) Juan Domingo Perón foi odiado por uns, idolatrados por outros e isso acontece até hoje. Carlos Rangel, em sua obra aqui já citada afirmou que "Perón conseguiu reconduzir a Argentina ao obscurantismo autóctone de maneira evidente". Atribuiu a ele ter arruinado o país política e economicamente conseguindo torná-lo quase ingovernável.

De todo modo, ficaram evidentes certos elementos marcantes da era peronista. Foram eles: a falsa democracia, o nacionalismo ultraxenófobo, a demagogia e o populismo exacerbado.

Recentemente, um fato aconteceu na Argentina que chamou atenção. Foram as prévias eleitorais nas quais a chapa Alberto Fernández para presidente tendo como vice-presidente Cristina Kirchner, ficou à frente do presidente Mauricio Macri que disputa a reeleição.

A eleição será em outubro e não existe como prever o que acontecerá, entretanto, o espectro da ingovernabilidade ronda a Argentina caso se confirme a vitória de Kirchner, na medida em que certamente ela terá ação decisiva nos destinos do país.

Vejamos o legado de Cristina Kirchner, que foi bem resumido no O Estado de S. Paulo (14/08/2019):

"O legado da ex-presidente é bem impressionante e, sob qualquer aspecto deveria representar o fim de sua carreira política. Além de ser processada por corrupção e de ter escapado da prisão em razão de sua imunidade parlamentar como senadora, Cristina arruinou os fundamentos econômicos da Argentina - obra que começou no governo de seu antecessor e marido, Néstor Kirchner".

A trajetória política da Argentina e esses fatos mais recentes, lembram um antigo comercial de vodca: "Eu sou você amanhã". É como se a Argentina nos dissesse isso, pois seus acontecimentos políticos sempre antecederam os nossos de modo não exatamente igual, mas semelhante.

No momento, enquanto o presidente Bolsonaro vem sendo cerceado de várias maneiras para governar pelo Congresso e pelo STF e, esses Poderes têm desferido golpes na Lava Jato através das pessoas do ministro Sergio Moro e do procurador Deltan Dallagnol, com o claro objetivo de soltar o presidiário Lula da Silva, se pode dizer que o espectro da ingovernabilidade ronda também o Brasil, como, aliás, sempre rondou a América Latina.

Maria Lúcia Victor Barbosa é socióloga.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS

(lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE –Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.